Lucy Pina Neta

O DOM DA LEITURA HELDER CAMARA

e suas bibliotecas

Paulinas

INTRODUÇÃO

"*Faça-se a luz!*" ... Em virtude dessa ordem do Senhor, procederam as letras e as palavras, segundo a interpretação cabalística. Deixar registros para gerações futuras, das memórias de uma época, é um dos aspectos aos quais se credita a perpetuação do homem sobre a terra. Antes, as memórias registradas e administradas pelo nosso cérebro, segundo Umberto Eco, eram transmitidas pela linguagem oral e se perdiam no tempo. Depois, as memórias passaram a ser registradas em suportes mais resistentes, as bases minerais, em *tabuinhas* de argila ou esculpidas em pedra. Desse modo, a memória social enriqueceu-se de aspectos simbólicos, as imagens colocadas em locais determinados ajudaram a formar a consciência da memória coletiva, da história de um grupo.

Vamos nos deter, neste livro, a contar um pouco sobre a memória vegetal, aquela que ficou escrita nas folhas de papel, nas páginas dos livros. De modo genérico, a memória é, em certa medida, a própria história, e para cada forma de transmiti-la foi necessário encontrar um lugar próprio para preservá-la. Nesse contexto, para guardar tábuas de argila, papiros, pergaminhos e livros, surgiram as bibliotecas. Estas foram definidas por Umber-

to Eco não apenas como o acumulado de livros, mas como "um organismo vivo, com vida autônoma".

Comuns entre as civilizações antigas, na Idade Média associadas a instituições religiosas como mosteiros e catedrais, por exemplo, as bibliotecas só passaram a ter um caráter intelectual laico a partir do século XII, com o surgimento das primeiras universidades. Este último "modelo" promoveu a democratização da informação e a especialização em diversas áreas do conhecimento. Deriva dele o modelo ainda mais específico, a biblioteca pessoal, cuja imagem refletida nas estantes é a de seu proprietário.

Sem a pretensão de descrever uma época ou um grupo de pessoas, os manuscritos e os livros, através dos quais esta obra se propõe levar o leitor a uma reflexão, formam um conjunto pessoal. Eles indicam o gosto particular de um padre nordestino que viveu durante o século XX, entre o Sudeste e o Nordeste do Brasil. A respeito da memória de si, em 1943, ele escreveu: "passarei pela vida sem deixar nenhum sinal mais forte, marca nenhuma duradoura e inesquecível. [...] Escreverei uns artiguinhos quaisquer [...] Talvez deixe uns dois livros. [...] Pregarei alguns sermões mais ou menos louvados. E morrerei".

Helder Pessoa Camara é o leitor e proprietário das bibliotecas através das quais nós o convidamos a passear, por dentre suas estantes. Para entendê-lo e contextualizá-lo, foram considerados não apenas sua formação escolar e profissional, mas, sobretudo, a relação que, ao longo da vida, ele desenvolveu com os livros. O objetivo é apresentar o Helder leitor, pouco conhecido do grande público, para quem os livros representaram muito mais do que uma fonte de informações.

Para trazê-lo conosco nesta viagem intelectual, além de informações sobre as obras que o Dom lia e das anotações às margens das páginas que ele mesmo fazia nos livros, resgatamos trechos de cartas, meditações, discursos, anotações que ele realizava em pequenas cadernetas, a maior parte delas apresentadas pela primeira vez ao público.

Do tipo de correspondência que usamos, já foram recuperadas duas mil cento e vinte e duas cartas escritas durante, aproximadamente, duas décadas, numa periodicidade quase diária. Elas são, desse conjunto de documentos que mencionamos, a parte mais rica, no sentido de que apresentam um panorama mais amplo e analítico a respeito da construção da memória que Dom Helder faz de si.

Esperamos oferecer ao leitor elementos para que possa nos acompanhar nessa reconstrução "biografia bibliográfica" e, para isso, procuramos não apenas indicar o que Dom Helder leu e anotou, mas, também, o que publicou e com quem costumava relacionar-se intelectualmente.

Sua vida, apresentada na primeira parte desta obra, foi dividida em três grandes períodos, que, mais do que uma época, denotam o lugar onde ele viveu. São eles: *Fortaleza e a formação sacerdotal (1909 – 1936)*; *O jovem Padre Helder e o Rio de Janeiro (1936-1964), Recife e o Arcebispo (1964-1985)*, neste último ano, Dom Helder tornou-se arcebispo emérito. Depois da aposentadoria, optou por continuar morando em Recife, nos fundos da Igreja de Nossa Senhora da Assunção, até o ano de sua morte, 1999.

Na segunda parte, apresentaremos as bibliotecas pessoais: uma ilustrativa dos anos em que viveu no Rio de Janeiro e, a outra, dos anos que morou em Recife. Elas indicam os caminhos literários e de maturação que ele percorreu. As escolhas literárias e as relações com os autores de algumas das obras são significativas, na medida em que elas podem ser a chave para entender como um homem, com as atribuições pastorais e burocráticas, pertinentes à função de arcebispo, foi sensível o suficiente para deixar-se levar pelas meditações e poemas, e enérgico, na mesma medida, para escrever sobre temas conflitantes como o ecumenismo, a política, a economia. Uma escolha não invalida a outra, mas indica uma largueza de espírito e a capacidade de contemplar, intelectualmente, assuntos e realidades díspares.

A terceira parte está reservada para conhecermos um pouco sobre o intelectual e sua relação com os livros, o intuito é apresentar como estes moldaram a atuação do padre no decorrer de seu amadurecimento intelectual, pois parte-se da suposição de que o ser leitor é que impulsionou às demais "imagens" que se conhece de Dom Helder, como o defensor dos direitos humanos, por exemplo.

Desejamos que o leitor se permita viajar pelas estantes do arcebispo, deixando-se envolver por uma nova forma de contar a história de um dos homens mais famosos e controversos da Igreja Católica brasileira. É bem verdade que não temos a pretensão de dar a última palavra sobre o assunto, mas, justamente o contrário, convidar a quantos se interessem em conhecer melhor este intelectual-sacerdote que foi Helder Pessoa Camara.

ALGUMAS NOTAS SOBRE OS MANUSCRITOS DE DOM HELDER

Conhecer os hábitos de leitura de Dom Helder é possível graças a uma vasta coleção de manuscritos que ele deixou sobre si, sobre sua atuação. Dessa coleção, selecionamos alguns que agora apresentamos resumidamente ao leitor, para que este conheça um pouco dessa riqueza inestimável.

As principais características das cartas são: primeiro, elas são circulares, um tipo de correspondência destinada a um grupo de pessoas. Dom Helder passa a nominá-las assim a partir da terceira carta. Segundo, elas seguem um padrão específico: um cabeçalho curto, com local e data, e, geralmente, tratam da passagem de um dia para o outro, porque eram normalmente escritas durante as vigílias noturnas; em seguida, uma saudação ao grupo de destinatários, à Família do São Joaquim (aqui o termo família pode ser interpretado como uma forma afetiva de tratar o grupo de amigos e colaboradores que trabalharam com ele durante os anos em que viveu no Rio de Janeiro, entre 1936 e 1964); já a expressão "São Joaquim" é o nome do palácio episcopal, residência oficial da Arquidiocese de São Sebastião do Rio de Janeiro, local

onde eles trabalhavam. Ao ser transferido para a Arquidiocese de Olinda e Recife esse vocativo mudou, variando entre: "Família de Mecejana", "Família Mecejanense", "Família Mecejanense e Olinda-Recifense", "Família Joânica" e "Família Giovanina". Em 1964 Dom Helder firmou a escolha do nome do grupo, passando a chamá-los de Família Mecejanense, conforme escreveu na Circular n. 63, datada de 4 para 5 de novembro de 1964, "sabem que a Família, sem prejuízo do encanto pelo Papa João, preferiu manter o nome antigo?... Já, então, não mudaremos mais: *in aeternum*, Mecejanense!".

Também estão indicadas no cabeçalho a memória que animou a vigília, seja ela o nome de um santo ou uma santa, as intenções das orações daquela madrugada, a organização de viagem futura ou de uma atividade próxima. Não pense, leitor, que essa memória da vigília possa indicar o tema da circular, esta interpretação não é correta, pois, conforme será mostrado adiante, os temas abordados nas circulares são diversificados e uma única carta pode conter tantos assuntos quantos podem dar contar a agenda de atividades de um arcebispo.

Então, como é organizado o conteúdo no papel? Todas as cartas são numeradas e paginadas, a nominação das cartas segue, por exemplo, o contexto histórico-eclesiástico em que foram escritas. Durante as sessões do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962- 1965), são chamadas, pelo próprio autor, de circulares conciliares; as que foram escritas nos meses das interseções do terceiro e quarto período conciliar são as interconciliares. As escritas depois do último período conciliar, a partir de 1965, recebem o título de pós-conciliares, até a vigília de 23 de março de

1970, quando elas passam a ser tituladas como "abertura da AJP para o plano mundial": AJP são as iniciais de Ação Justiça e Paz, uma referência à Comissão Pontifícia Justiça e Paz, criada, em janeiro de 1967, pelo Papa Paulo VI, com o objetivo de promover estudos dos problemas relacionados à justiça social, a fim de contribuir para o desenvolvimento das nações.

As cartas conservam uma margem à esquerda, o que não se repete em nenhuma das outras três extremidades da folha, talvez este fato indique que conscientemente ele desejava que as cartas fossem arquivadas, mais do que simplesmente guardadas. Outra característica é que as cartas possuem seções, o que facilita a leitura e a compreensão do texto. As primeiras linhas dedicam-se a informar sobre as atividades do cotidiano do arcebispo: são visitas pastorais, retiros, reuniões com párocos, ou seja, as atividades ligadas à arquidiocese. Essa seção acaba por informar os bastidores do episcopado de Dom Helder e, algumas vezes, suas angústias, ideias e aspirações.

Logo abaixo das informações cotidianas, surgem os assuntos relacionados às atividades programadas, são as viagens e as conferências. Aqui fica claro todo o trabalho que existe por trás do orador que foi Dom Helder, porque, ao ler as cartas, temos a certeza de que seus discursos e, em alguns casos, suas opiniões pessoais são fruto de uma construção coletiva, de intensa troca de correspondências, embora não se tenham conservado as respostas às circulares enviadas por ele. Conforme ele escreveu na Circular pós-conciliar n. 145, datada da madrugada do dia 5 para o dia 6 de setembro de 1966, "como método de trabalho, gosto de partir

de um esquema, que, depois, os amigos completam, corrigem e aprimoram; e as leituras alargam e enriquecem".

O último aspecto das cartas a destacar diz respeito aos esquemas de leituras, que são observações e resumos das obras lidas e anotadas por Dom Helder. Estes formam, junto com as anotações que ele fez nas margens dos livros, os fios condutores que nos possibilitarão a descrição e, em alguma medida, a análise do sacerdote-leitor.

Originalmente, pensávamos que os destinatários das circulares, ao recebê-las junto com os livros anotados por Dom Helder, faziam reuniões de leituras coletivas e discussões a respeito das obras. No entanto, esta ideia não é verdadeira, pois perguntamos a uma das destinatárias, Maria Luiza Amarante, e ela nos disse que era difícil acompanhar o ritmo intelectual de Dom Helder; eram muitos livros, com temas muito diversificados, lidos em um curto espaço de tempo. Desse modo, o trabalho de formação intelectual da Família dependia mais do esforço e da qualidade dos esquemas de leituras e resumos feitos por Dom Helder do que dos livros anotados e enviados, propriamente ditos. A única ressalva a esta constatação aconteceu na década de 1940, enquanto ele ainda morava no Rio de Janeiro e trocava livros anotados com Virgínia Côrtes de Lacerda.

Retomando a descrição do conjunto de manuscritos, temos as meditações, que são textos curtos, geralmente de conteúdo místico. Surgem sem um lugar específico, muitas foram escritas nas margens das páginas dos livros, outras aparecem no corpo do texto das circulares. Posteriormente, essas meditações foram reutilizadas em outros escritos, como os discursos e os programas

de rádio: durante as décadas de 1970 e 1980, Dom Helder foi o condutor de dois programas diários na Rádio Olinda, "Pausa para uma prece" e "Um olhar sobre a cidade".

Esse hábito de escrever as meditações é antigo, desde os tempos de formação no seminário, e elas têm a peculiaridade de terem sido assinadas por um dos pseudônimos de Dom Helder, Padre José, sendo que já foram localizadas mais de sete mil meditações, algumas já públicas em livros.

As meditações ressaltam o gosto pelo texto mais livre e poético, algumas vezes, ele as escreveu a partir de alguma leitura prévia: costumava indicar essa prática com a expressão "Padre José anda lendo". Outras vezes, a partir de experiência do cotidiano, neste caso, a meditação aparece dentro do contexto de comentários, sem anúncio prévio. Não raro, elas estendem-se por muitas páginas, em vários pequenos textos, que em determinado momento chegam a preocupar Dom Helder, porque não desejava comprometer a função das circulares, conforme ele escreve na Circular n. 54, escrita em Recife, na madrugada de 28 para 29 de novembro de 1972, "fico-me perguntando se circular com Padre José é CIRCULAR... É verdade que meditação é testemunho do que é visto, ouvido, meditado, vivido... Mas entro demais nas meditações...".

Os dois últimos conjuntos de manuscritos que foram consultados para o desenvolvimento desta pesquisa são: as anotações encadernadas, escritas durante a década de 1940 e 1950, e as marcações feitas nas margens das páginas dos livros das bibliotecas pessoais de Dom Helder. Das anotações encadernadas foram consultados, principalmente, o caderno com as Regras do

Apostolado Oculto e dois outros cadernos com índices biográficos de santos da Igreja. Esses cadernos foram escolhidos porque ajudam a entender a relação com os modelos do apostolado e de vida adotados pelo Padre Helder.